

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Gazeta (SP)

Class.: OPR 00428

Data: 01/1/45

Pg.: 10

Rumo à ponta da picada

(Por Orlando Villasboas, membro da Expedição Roncador-Xingu)

A marcha dos tropeiros é dificultada por uma espécie de obstáculos — Raimundão, Severo, Elias, João Preto e Baton — A escolha do pouso — Atenção o índio! — Volta a tranquilidade

A TROPA

A chuva dificulta muito a viajem da tropa. Os correços, que d'antes eram atravessados facilmente, obrigam agora serviços penosos de transporte de carga por improvisadas pinguelas. Os tropeiros, velhos afeitos às lidas do sertão, não se queixam; sempre sorridentes e trocistas, vão vagarosamente transportando a carga e não se há de apressá-los, pois não se atropelariam e se atrapalham...

Há um mês atrás, a comunicação com a ponta da picada era feita em 8 dias, mais ou menos; hoje, ainda em princípio das chuvas, 12 a 13 dias são gastos para a mesma distancia.

Não é só a dificuldade da marcha que retarda a tropa; muitos outros fatores existem: um burro que foge, outro que abandona a cangalha, pondo em terra a carga preciosa.

A VIAGEM

Antes mesmo de surgir o sol, já os burros presos aguardam a carga que em batelões é atravessada para a margem esquerda do Mortes. E começa, então, a luta dos tropeiros. São apenas 5: Raimundão, velho sertanejo criado à beira da cangalha, como dizem, chefia seus companheiros; 60 anos já lhe vão pelo lombo. Severo, mulato espigado, moço ainda, cantador de fama. Elias, preto rotundo, rosto largo e chelo, cheirando bom humor. João Preto, de meia idade, velho garimpeiro habituado às intempéries do sertão, e Baton, retaco e síscudo, tipo característico do goiano do Norte.

Terminados os preparativos, arrumada a carga, é solta a tropa, cuja madrinha apressada em princípio alcança a trilha já tantas vezes batida da picada.

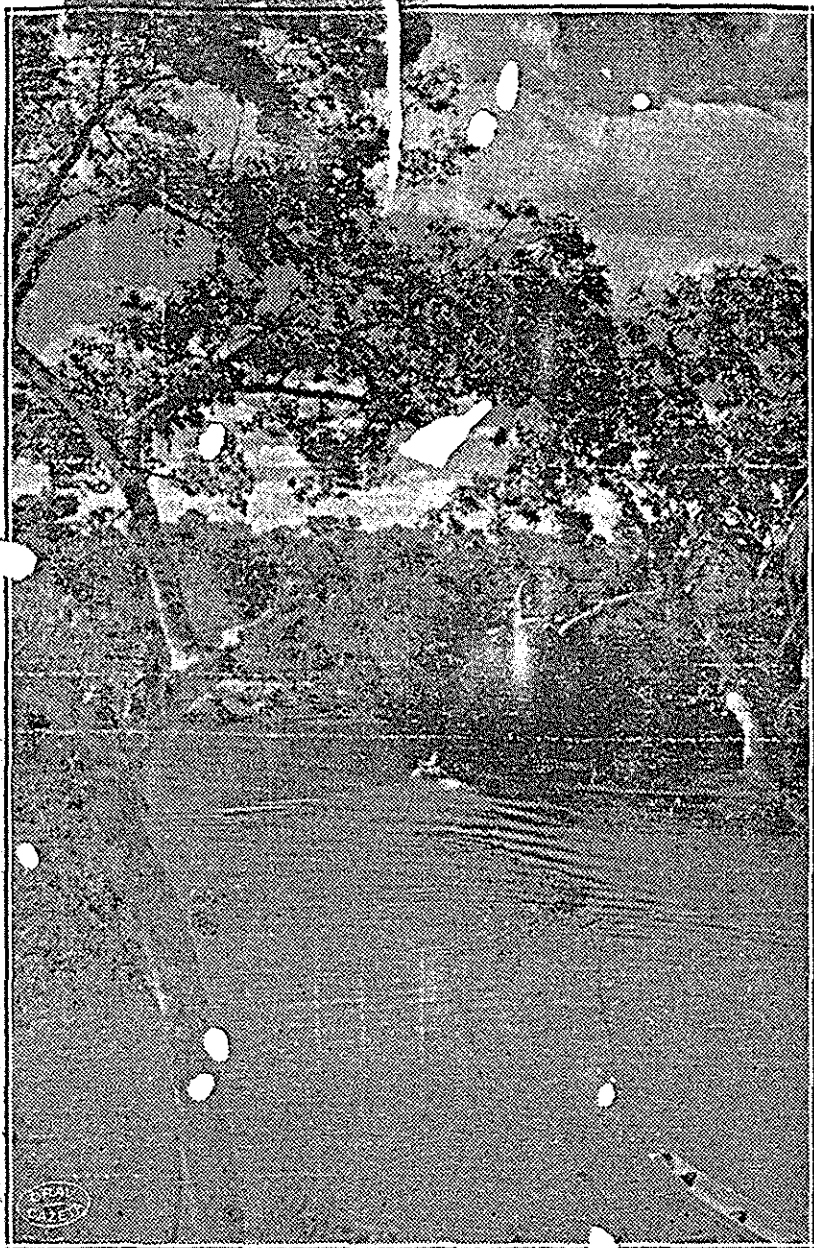
A viagem se inicia e os obstáculos começam a surgir; ora um correço de travessia difícil, mais adiante um chapadão sem fim, que termina num brejão imenso em cuja orla se vê abandonada uma série de ranchos dos índios Chavantes. Eles, sob um sol de fogo denunciador de chuvas próximas, passam indiferentes e sonolentos no dorso do animal. De vez em quando se ouve um grito de um dos tropeiros, pondo na trilha certa algum animal velhaco que ameaça desgarrar.

Cada passo que avançam, mais sinais encontram de índios; ora são rastros recentes, ora são tranqueiras nos correços; processo muito utilizado pelos selvícolas na pesca: fazem uma barreira numa parte estreita do correço, amassam e lavam o cipó timbó rio acima; o peixe estonteado é levado pela correnteza, parando na parte represada, de onde são retirados.

A ESCOLHA DO POUSO

O lugar do pouso passa para os tropeiros a constituir preocupação imediata, pois é preciso que seja um lugar que ofereça pastagem ao animal cansado.

Si o lugar escolhido, ainda a algumas leguas de distancia, é infestado de índios, isso não importa, não importa porque o tropeiro é um sertanejo e "o sertanejo, antes de tudo, é um forte."



Um aspecto do rio das Mortes, em frente ao campamento da Expedição Roncador-Xingu.

O POUSO E O ÍNDIO

Ainda o sol não tombou no horizonte e já a faina dos tropeiros se iniciou no pouso, geralmente improvisado à beira de um correço.

Enquanto um trata do fogo e da refeição ligeira, os outros tratam da carga, que vão sendo cuidadosamente arranjadas.

Terminado o serviço de retirada da carga, peçam-se os animais que são conduzidos a um lugar nas proximidades, onde possam pastar, mas o sinal do índio já foi notado e os animais correm perigo; torna-se necessário, portanto, vigiá-los ou trazê-los novamente ao pouso, onde são amarrados junto às redes. Feita a refeição, descansam na rede, onde tiveram o cuidado de colocar ao alcance da mão a velha mas bem reunida e inseparável carabina.

A cantoria começa. Um catira, apaixonado, é acompanhado pelo balouço da rede.

ATENÇÃO!

De repente emudecem! É que um barulho suspeito foi ouvido nas imediações, uma siriema canta a poucos metros, um mutum, ave de carne saborosa, responde logo adiante e, não demora, um jaú que replica, porém todas essas aves são estranhas a essas horas e a duvida então paira sobre os tropeiros: será o índio?

Os índios, quando se aproximam, o fazem imitando aves e, dessa maneira, conseguem chegar até pequena distancia do objetivo.

Pouco depois ouve-se um borá e o som tétrico da cabacinha. Borá é um pequeno canudo de taboca — taquara — tapada em uma das extremidades. Colocam-no apolado ao labio inferior e emitem sons rápidos e em escala.

A cabacinha, utilizam-na da mesma forma e dela emitem um som rouco.

O ÍNDIO!

A duvida desaparece. É realmente o índio que se aproxima! Os tropeiros em silencio não perdem o menor ruído. É creença geral e bem fundamentada que o índio ataca de preferéncia à noite e de madrugada e utilizam nos seus ataques quasi que exclusivamente a borduna, enorme cacete toscamente preparado, que manejam com destreza admirável.

Nada, porém, houve de anormal. A medida que a noite avança, a tranquillidade volta ao pouso, para novamente ser perturbada de madrugada, quando então novas aproximações são pressentidas, geralmente mais a ridas.

Depois de uma noite mal dormida, ou quasi sem repouso, a viagem prossegue na manhã seguinte, esperando o próximo pouso seja a uma légua de Curuá, perto de um respeitável aldeia.